

## CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PESQUISA – O QUE DIZEM OS PROFESSORES?

FARIAS, Isabel Maria Sabino de – UECE

GT: Formação de Professores / n.08

Agência Financiadora: FUNCAP/CE

*É possível formar o professor pesquisador/reflexivo? De que professor e de que pesquisa se está tratando, quando se fala em professor pesquisador? Que condições tem o professor, que atua nas escolas, para fazer pesquisa?*

(Marli André, 2001)

A emergência do pensamento sobre o professor pesquisador e o professor reflexivo no cenário educacional, sobretudo brasileiro, reacendeu o debate em torno da relação entre ensino e pesquisa na formação docente. De um lado, predomina o reconhecimento de que a pesquisa tem um papel importante na formação e prática do professor (este, aliás, parece ser um dos poucos pontos de consenso dessa discussão). Do outro, situam-se críticas que vão desde a pertinência epistemológica desses enfoques a questionamentos como aqueles destacados na epígrafe de abertura do presente ensaio.

Instigada por esse debate, em particular pelas preocupações de André (2001), desenvolveu-se durante os últimos 24 meses investigação empírica (BOGDAN, e BIKLEN, 1994) acerca das concepções e práticas construídas por professores que atuam na educação básica em relação a atividade de pesquisa. Este trabalho, portanto, propõe-se a apresentar os resultados dessa iniciativa que envolveu a realização de entrevistas semi-estruturadas com 45 professores da educação básica de Fortaleza (rede pública e privada).

Os professores entrevistados compõem um grupo de docentes jovens (25 possui até 35 anos de idade), a maioria do sexo feminino (39) e com formação inicial de nível superior (34), atuando principalmente na rede pública de ensino (30), especialmente no Ensino Fundamental (40). Apenas 11 dos entrevistados declarou ser efetivo. Os demais docentes afirmaram manter vínculo de trabalho precário (temporários). A análise do percurso da vida profissional desses docentes, realizada com base em Huberman (1992), evidenciou que uma parcela expressiva (23 ou 51%) encontra-se em fases da carreira em que a formação continuada é fundamental, encontrando-se abertos para experimentar processos formativos que fortaleçam seu compromisso ético-profissional e que inibam a incorporação de práticas tradicionais de perceber e viver a profissão.

No conjunto, as análises sinalizam que as idéias e práticas de pesquisa dos professores investigados, independente da rede de ensino em que atuam e da natureza do vínculo de trabalho com a escola, não apresentam diferenças marcantes. Tais constatações estão organizadas nas cinco seções que integram este texto.

### 1. Pesquisa – uma atividade reconhecida como importante

O que os professores que atuam nas escolas de educação básica entendem por pesquisa? Que convergências ou discrepâncias tais acepções apresentam? Ao buscarmos captar a concepção dos docentes entrevistados sobre pesquisa não tivemos a intenção de contrapor-la a uma definição consensual, até porque a existência de trabalhos acadêmicos sobre “a questão da propriedade do conceito de pesquisa”, como bem sinaliza Ludke (2000, 2001a), ainda configura como uma lacuna na produção da área. Partiu-se do entendimento que, mesmo sem esta referência, conhecer o pensamento desses professores constitui-se em um passo necessário e fundamental ao esforço de compreensão das relações que eles estabelecem com a pesquisa.

A idéia de “aprofundamento” e de “busca de respostas” foi recorrente nas falas dos professores entrevistados ao se posicionarem sobre o conceito de pesquisa, evidenciando uma definição próxima do modelo acadêmico, conforme mostram os fragmentos selecionados:

“É **conhecer a fundo** um determinado tema usando as teorias, fazendo pesquisa de campo **para obter respostas aos seus questionamentos** com o objetivo de transformar ou colaborar para a melhoria da realidade encontrada.” (Professor 1)

“Pesquisa é **uma busca mais profunda** de conhecimentos de maneira mais científica, **procurando uma resposta mais efetiva e adequada** ao que se procura, ou seja, algo novo que venha complementar ou trazer novos conhecimentos.” (Professor 3)

“A pesquisa é **uma forma de se aprofundar**, aperfeiçoar e ampliar seus conhecimentos e principalmente conhecer novas realidades e viver **novas experiências, tanto na vida profissional como pessoal.**” (Professor 30)

“Entendo que pesquisa seja estudar, **ir atrás de respostas** para possíveis dúvidas que tenhamos para **um maior aprofundamento**, para um **crescimento tanto pessoal como profissional**. Exige muita disciplina e dedicação para ser realizada e é algo que acredito dar muito prazer por ser um tema de nosso interesse.” (Professor 42). (Grifos nossos).

A representação de pesquisa calcada no modelo predominante no meio acadêmico parece ser a tônica das acepções apresentadas pelos professores entrevistados. Os grifos realçam aspectos que apontam para esta conotação. A associação da pesquisa à

produção de conhecimento sobre um determinado problema social visando sua melhoria favorece também uma interpretação positiva dessa atividade.

Esse sentido proativo da pesquisa é reforçado ao destacarem a expectativa de crescimento pessoal e profissional como uma decorrência quase que natural dessa ação. O significado dessa correlação se explicita nas referências à pesquisa como uma estratégia de compreensão das situações que se apresentam no cotidiano escolar e de aprimoramento de sua prática pedagógica. Suas falas deixam entrever um certo entendimento de que a pesquisa oportuniza a abertura de novos caminhos para a docência, repercutindo em perspectivas inovadoras ao trabalho do professor. Mais ainda, sinalizam uma certa incorporação – pelo menos no plano do discurso – da proposta do professor reflexivo na perspectiva difundida por Schön (1993, 1995). Os fragmentos a seguir são ilustrativos dessa influência:

“Como professor, considero a pesquisa como a procura de novos conhecimentos sobre determinados assuntos, investigação, registros, avaliações e muita leitura para **fundamentação e compreensão** dos assuntos abordados e **que possa contribuir para a prática pedagógica.**” (Professor 17)

“Para mim, o ato de pesquisar é um processo evolutivo que pode durar muito tempo, pois quando eu resolvo pesquisar alguma coisa é porque existe algo que me incomoda e que eu tenho curiosidade em buscar a resposta para aquela indagação. Por exemplo, quando eu comecei a pesquisa sobre reforço escolar é porque o assunto me enchia de indagações e isso me incomodava [...] A pesquisa é muito importante, pois um **professor deve ser engajado nos assuntos que preocupam a educação**. Se ele não questiona, como ele vai ser uma peça integrante desse processo de mudança que passa pela formação e atualização daquele profissional em educação?” (Professor 43) (Grifos nossos)

Quando destacam o crescimento profissional como um aspecto importante do sentido positivo da idéia de pesquisa os entrevistados o associam a imagem do professor engajado na prática pedagógica, do professor que assume uma atitude de reflexão sobre essa prática, procurando extrair elementos que ajudem a melhorá-la. O perfil de formação dos professores que participaram do estudo (a maioria com nível superior - graduação, alguns com pós-graduação) pode ser tomado como um elemento explicativo dessa compreensão, confirmando resultados de investigações realizadas em outros contextos (LUDKE, 2001a; FLEURY *et al.*, 1994). Embora a idéia do professor pesquisador não seja recente, sua disseminação, particularmente nos cursos de formação docente, ocorreu sobretudo a partir dos estudos de Donald Schön. Para este autor o profissional reflexivo trabalha similarmente ao pesquisador ao procurar identificar

problemas e implementar alternativas de solução, registrando e analisando dados, o que faz com que a atividade profissional deixe de ser distinta da atividade de pesquisa. Tais formulações nos últimos anos tem sido difundida mediante a defesa de uma formação de docente voltada para o desenvolvimento de uma atitude investigativa por parte do professor, detectando problemas, procurando, na literatura, na troca de experiência com os colegas e na utilização de diferentes recursos, soluções para encontrar formas de responder aos desafios da prática. É esta compreensão que parece estar associada a noção de pesquisa dos entrevistados, especialmente quando se referem a expectativa de melhora e crescimento profissional.

No imaginário dos docentes investigados a idéia de pesquisa encontra-se fortemente marcada pela tradição acadêmica, influência certa dos cursos de formação tanto inicial quanto continuada. É o que expressa a ênfase na produção de conhecimento, na busca de resposta para problemas e no reconhecimento do esforço intelectual que essa atividade solicita. Ao pensarem no campo educacional, no cotidiano escolar, tendem a perceber esta atividade como uma estratégia que pode oferecer subsídios importantes quer na compreensão quer na solução de problemas práticos. Esses dois enfoque sinalizam a *ambivalência* do conceito de pesquisa apresentado pelos docentes ou, como bem sintetiza Ludke (2001a, p. 37), eles *parecem divididos entre uma perspectiva voltada para uma meta acadêmica e uma outra voltada para a situação de sua prática como docentes*. Não é demais lembrar, contudo, que este fenômeno não emerge como algo visível para os docentes, pelo menos nos relatos coletados.

No geral, são estas as idéias predominantes na definição de pesquisa apresentada pelos docentes investigados: uma atividade importante, embora cansativa, demorada, desgastante, demandando disponibilidade de tempo, recursos, dedicação, esforço e embasamento teórico. Mais ainda, uma prática compensadora e que repercute positivamente no desenvolvimento do profissional. No próximo tópico a formação em pesquisa vivenciada por estes profissionais é abordada, o que permitirá compreender de modo mais articulado as acepções apresentadas.

## **2. Formação em pesquisa – uma aproximação tardia e precária**

Os relatos sobre a trajetória de formação inicial – nível médio e superior – revelam dados que permitem compreender de modo mais situado porque os docentes

entrevistados se referem a esta atividade como uma prática da qual se aproximaram tardiamente.

Consulta a livros e enciclopédias visando à realização de trabalhos solicitados pelas disciplinas, bem como a participação em atividades do tipo feira de ciências constituiu, de acordo com os docentes entrevistados, a prática de pesquisa vivenciada durante a formação de nível médio. Uma *pesquisa informativa*, uma *prática esvaziada de sentido*, para usar algumas das definições por eles apresentadas. Tais referências assinalam o caráter reducionista dado à pesquisa nas trajetórias de formação desses professores. Do universo investigado, apenas três professores relataram que participaram de alguma atividade de pesquisa no Ensino Médio, mencionando a realização de *testes experimentais*, a *formulação de perguntas* e a coleta de dados mediante a *aplicação de questionário*. O caráter de atividade da pesquisa na formação docente de nível médio constitui a tônica das aproximações vivenciadas pelos três docentes que a mencionaram.

Para o conjunto dos docentes entrevistados foi na formação de nível superior que se configurou, *de fato*, o primeiro contato com a pesquisa. Vários componentes curriculares são destacados como tendo contribuído de modo efetivo na *aproximação teórica e prática* à pesquisa. As disciplinas de Monografia e de Pesquisa Educacional aparecem como momentos fortes no contato dos docentes com a pesquisa durante sua graduação. As falas transcritas a seguir ilustram como eles compreenderam que as disciplinas relacionadas proporcionaram a aproximação com essa atividade:

“Em minha formação tive vários professores que me mostraram a importância da atividade de pesquisa. Na disciplina Metodologia do Trabalho Científico elaborei com a ajuda de minha orientadora um projeto sobre o ensino pela arte. Com este pude perceber as dificuldades e os prazeres de se trabalhar com pesquisa.” (Professor 10)

“No final do curso a gente tem que apresentar uma monografia. Esse trabalho foi uma experiência muito valiosa para mim, porque eu recebi uma orientação muito boa. Eu fiz o trabalho com professores de 1ª a 4ª série. A pesquisa era para saber se o professor utilizava as estratégias de leitura em sala de aula. Eu apliquei um questionário com as professoras e peguei o material delas, que eram trabalhos em sala de aula, material de leitura. E depois desse material recolhido, [...] eu li bastante sobre a leitura [...] Com o material em mãos, fomos fazer a análise deste e a gente viu que alguns professores sabiam o que era estratégia de leitura, [...] já tendo essa visão interativa da leitura a gente foi analisar o material coletado [...] vimos que havia uma confusão sobre o que é realmente estratégia de leitura.” (Professor 14)

As falas enfatizam cenas do processo de formação em pesquisa vivenciada pelos docentes investigados. Estas situações, além de oportunizarem o conhecimento e a utilização de metodologias e técnicas de investigação, viabilizaram um contato mais significativo com a pesquisa. Embora façam estas observações, os entrevistados registram que a formação em pesquisa na formação de nível superior, tanto na graduação quanto nos cursos de especialização, longe esteve de proporcionar uma aprendizagem consistente dessa atividade enquanto modo de produção do saber social.

“Na minha formação acadêmica a pesquisa não foi suficientemente trabalhada. Tanto na pesquisa teórica como na pesquisa prática, e a relação entre as duas era pouco.” (Professor 2)

“Quando se trata do assunto pesquisa não posso falar muito, pois sempre foi algo ausente na minha vida de estudante. Mesmo com a disciplina de Pesquisa na minha formação em Pedagogia, não éramos estimulados a fazer essa busca de conhecimentos sobre pesquisa.” (Professor 35)

“... Na faculdade, acho que a pesquisa deveria ser trabalhada desde o início do curso, o que não ocorreu. Só a partir da metade do curso é que passamos a ter disciplinas cujos professores estimulavam a pesquisa [...] As atividades que fazíamos nessas disciplinas eram relacionadas à observação em escolas, aplicação de entrevistas, levantamento e tabulação de dados.” (Professor 36)

“Na minha formação inicial, nível superior, tive uma superficial experiência de pesquisa, pois limitada a levantar informações para seminários.” (Professor 38)

Os relatos dos entrevistados revelam que na formação de nível superior a pesquisa foi trabalhada de modo precário, pois fragmentada e numa perspectiva meramente instrumental. Nesse sentido, os entrevistados que participaram de programas de iniciação científica sentem-se privilegiados em seu processo de formação, no caso dos professores consultados apenas cinco dos profissionais foram bolsistas de iniciação científica durante a graduação.

Outra experiência fértil relatada pelos entrevistados foi o contato com professores e colegas que desenvolveram atividades de pesquisa, os quais são percebidos como profissionais que apresentam condições de desenvolver um trabalho mais consistente em sua prática pedagógica, apresentando uma postura diferenciada em sala de aula. O contato com essas pessoas reforçou mais ainda a visão proativa dos docentes entrevistados em relação à pesquisa, sobretudo no tange a sua contribuição no desenvolvimento como profissional. Os depoimentos são ilustrativos dessa marca:

“Esse professor tem mais condição de desenvolver uma pesquisa da sua prática docente, porque tem mais fundamentos teóricos e vivências no campo educacional [...] (Professor 2)

“Ele sempre incentivava a participação dos alunos nesses tipos de aprendizagem, sempre nos mostrando a importância de sermos pesquisadores, relacionando à nossa responsabilidade como educador.” (Professor 10)

“Tenho conhecido muitos professores pesquisadores e, por isso mesmo, tenho sido influenciada positivamente por eles. Mas cito uma professora da Educação Infantil da escola onde eu ensino, que é uma pesquisadora na sua área de ensino e defende muito a importância do professor ser um pesquisador para conhecer o que faz.” (Professor 15)

A admiração pelos professores e colegas que participaram de atividades de pesquisa deve-se a percepção destes como responsáveis e competentes na condução de sua profissão. Os professores registram que sua formação de nível médio pouco ou nada contribuiu em sua formação em pesquisa. O contato inicial ocorreu principalmente na formação de nível superior. Contudo, revelaram que esta formação não recebeu o devido cuidado, sendo fortemente associada à fundamentação teórica. Estes docentes sentem-se usurpados de uma oportunidade de crescimento que, certamente, teria contribuído significativamente para que eles assumissem o magistério com uma formação mais consistente.

Entre os professores que participaram do estudo foi recorrente a percepção da pesquisa como uma atividade *muito restrita a pessoas da área universitária que estão envolvidas em projetos ou em pós-graduação*. Esses profissionais acrescentam ainda que nas escolas de educação básica em geral a prática da pesquisa é algo distante do dia-a-dia do professor, necessitando de grande incentivo e investimento para que realmente possa se tornar concreta neste espaço. É sobre esta questão que se detém o próximo tópico.

### **3. Pesquisa na escola – uma atividade ainda distante**

A pesquisa na prática escolar é concebida pelos entrevistados como atividade que propicia subsídios para o aperfeiçoamento profissional mediante o desenvolvimento da capacidade para tomar decisões em situações conflitantes no ambiente escolar. Este entendimento é assim explicitado em suas falas:

“É fundamental unir a teoria e a prática. Através da pesquisa você sabe se o que está sendo aplicado está dando certo ou não no processo de aprendizagem do seu aluno, além de conhecer outras realidades de trabalho, ficar informado sobre o que está acontecendo à sua volta e o que você pode utilizar na sua prática docente.” (Professor 1)

“Ela é importante a partir do momento em que você se depara com situações conflitantes, angustiantes e que, através desse recurso, você

poderá obter ajuda para resolvê-las. Onde trabalho, o assessor pedagógico está realizando junto aos professores um projeto de pesquisa chamado “professor pesquisador”, que é um projeto em andamento que acontece da seguinte maneira: os professores se agrupam de acordo com o interesses comuns e o assessor nos orienta a respeito da bibliografia e do direcionamento da pesquisa de cada um. Descalculia, formação de professores, indisciplina, produção de textos e ortografia são alguns dos temas que estão sendo pesquisados.” (Professor 15)

“O papel da pesquisa é fundamentar o trabalho pedagógico. Ao realizar esta atividade, percebo que o ato de pesquisar torna o professor mais ativo e participativo, contribuindo com o educando para que este desenvolva o ato de estudar, registrar, ler, avaliar seu próprio avanço no processo de aprendizagem.” (Professor 17)

O uso da pesquisa como suporte na melhoria da prática pedagógica escolar foi destacada pela maioria dos entrevistados. Entretanto, quando indagados se isso ocorria na sua prática, somente 10 professores apresentaram resposta afirmativa, conforme revelam as falas dispostas a seguir:

“Este ano estou trabalhando com crianças de quatro anos, que são muito inquietas. Então eu busquei assuntos na Revista Nova Escola, bem como comecei a perceber o que mais interessava aos pequenos. Notei que a aplicação de jogos, recortes de revistas e contação de histórias pelos próprios alunos eram muito mais proveitosas e atraentes. Com isso, estou conseguindo obter resultados positivos.” (Professor 7)

“Atualmente, quando inicio o ano, faço uma sondagem do nível da turma, chegando a pesquisar a relação familiar de meus alunos para poder então começar a direcionar a meta de ensino, pois muitas vezes a aprendizagem do aluno está diretamente relacionada à família.” (Professor 22)

“Eu fiz uma pesquisa com eles sobre avaliação há uns 5, 6 anos. Por exemplo: por que os alunos tiraram nota abaixo da média? Então nós fomos pesquisar e a pesquisa foi feita por eles e para eles. Eu fui com as avaliações para a sala de aula perguntar a que eles atribuíam aquelas notas baixas, então nós fomos fazer um levantamento: pontos positivos, pontos negativos, procurando as causas e as sugestões. A gente já vem desenvolvendo esse trabalho ao longo dos anos, chamando essa pesquisa de “Avaliação: uma via de mão dupla”. Avaliou o aluno e ele se avaliou. Juntou professor, aluno, direção, coordenação e pais.” (Professor 31)

Embora reconheçam a importância da pesquisa para a docência, é reduzido o contingente de professores que afirma utilizá-la em sua prática profissional. Um dos argumentos recorrentes na explicação desta discrepância é assim expresso: *não há incentivo por parte das escolas; o professor não tem tempo, nem orientação, nem uma formação voltada para a pesquisa* (Professor 15). Os pronunciamentos seguintes ilustram esse quadro de falta de condições para a prática de pesquisa:

“A imagem que eu tenho da atividade de pesquisa é que o educador necessita ter mais compromisso e responsabilidade com a educação. Verifico também uma urgente necessidade de construir espaços de pesquisa, reflexão e ação para os educadores. Acho que todo professor é capaz de ser um pesquisador, mas, na realidade, percebo que isto não acontece porque o professor, para ter uma melhor condição de vida, muitas vezes necessita trabalhar até três horários, ficando inviável para o professor estudar e se aprimorar. Para termos professores mais qualificados deveria se investir mais na formação continuada do educador.” (Professor 17)

Entre os aspectos mencionados, a carência de tempo aparece com mais constância nas falas dos entrevistados, consistindo na principal dificuldade para a prática da pesquisa, conforme declararam os professores nos depoimentos a seguir:

“No dia-a-dia do professor só é possível realizar as funções rotineiras, dar aula etc. Até para planejar é problemático. Nós professores temos dois sábados por mês para ir a escola para planejar, só temos folga aos domingos. Folga entre aspas, porque até aos domingos temos que trabalhar corrigindo provas. A pesquisa não é valorizada no trabalho. As pessoas acham que pesquisa é para cientista.” (Professor 23)

“Vejo bem distante do dia-a-dia do professor. Acho que o maior problema é a falta de tempo, embora tenham aqueles um pouco negligentes.” (Professor 27)

A ausência de tempo é um elemento restritivo da prática da pesquisa no cotidiano docente. O professor de ensino básico é, na maioria das instituições, responsável por um grande número de turmas, nas quais atua introduzindo e organizando o conhecimento escolar. Sua carga horária de trabalho semanal é, em geral, comprometida com o tempo despendido em sala de aula, no planejamento, na seleção e preparação de material didático, na correção de trabalhos e provas, atendimento a pais, atividades de apoio ao ensino (reforço/recuperação). Quais as possibilidades do professor se posicionar como um pesquisador, um profissional reflexivo, em um contexto de trabalho que restringe sua independência profissional? Ninguém se torna pesquisador do dia para a noite. Não se aprende por osmose, por ouvir dizer. Os professores entrevistados revelam que têm na cabeça os pressupostos que dão sustentação à proposta do professor reflexivo e uma prática marcada pela ausência da pesquisa, situação impulsionada pelas condições árdua de trabalho. É necessário ter tempo e incentivo institucional para estudar, para aprender, para desenvolver-se. Ademais, se a assunção de uma postura reflexiva e de uma prática investigativa está implicada com o processo formativo do docente, certamente ela também não se descola de suas condições de trabalho e de salário.

Isto porque uma prática investigativa, reflexiva e crítica não se restringe à reflexão sobre os problemas de sala de aula ou mesmo da escola. Esta, embora necessária, não é suficiente para elaborar uma compreensão teórica sobre os fatores que condicionam sua prática profissional (CONTRERAS, 1997). Ela reclama, pois, uma teoria que auxilie no desvelamento do sentido político, cultural e econômico da escola na sociedade, explicitando como este significado se manifesta no trabalho dos professores e na forma como se concebe a função social desses profissionais, bem como vem sendo incorporado na ação educativa escolar (GIROUX, 1999).

Os professores pesquisados sentem-se muito mais fazedores do que pesquisadores. Este, entretanto, não é o perfil profissional delineado em seu imaginário que, ao que parece, aponta para os desafios da reflexão e do engajamento com a prática. Falta-lhes formação e, sobretudo, reconhecimento institucional quanto a sua capacidade de produzir conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001. (Série Prática Pedagógica).

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação: introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Ed./ LDA, 1994.

CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. *La autonomía del profesorado*. Madrid: Morata, 1997.

FLEURY, J. et al. Les représentations de la recherche dans une formation par la recherche. L'exemple du DHEPS de Haute-Bretagne. *Recherche et Formation*, n. 17, 1994, p. 35-46.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

\_\_\_\_\_. *A escola crítica e a política cultural*. 3. ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados Ed., 1992. (Polêmicas do nosso tempo).

HUBERMAN, A. M. O Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora LDA, 1992.

LÜDKE, Menga (coord.). *O professor e a pesquisa*. Campinas: Papirus, 2001. (Série Prática Pedagógica).

LUDKE, Menga. *A complexa relação entre o professor e a pesquisa*. In: ANDRÉ, Marli (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, S.P.: Papirus, 2001a, p. 27-54.

LUDKE, Menga. A pesquisa e o professor da escola básica: que pesquisa, que professor? In: CANDAU, V. M. (org.). *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 100-113.

SCHON, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

\_\_\_\_\_. *The reflective practitioner: how professionals think in action*. EUA: Basic Books, 1993.